



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**CURSO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL COM**  
**HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

**LUANA VELLOSO DOS SANTOS PELLEGRINI**

**O TREM DA MORTE**

**MEMÓRIA DE UM INCÊNCIO NA CIDADE DE POJUCA-BA**

Salvador

2014.2

**LUANA VELLOSO DOS SANTOS PELLEGRINI**

**O TREM DA MORTE**

**MEMÓRIA DE UM INCÊNCIO NA CIDADE DE POJUCA-BA**

Memória descritiva do documentário “O Trem da Morte”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Severino

Salvador

2014.2

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, minha fortaleza.

A minha mãe, Maria Lucia, pelo amor e confiança.

Ao meu pai, Milton Manoel, pelo exemplo e estímulo.

Aos meus irmãos e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Aos professores José Roberto Severino e Simone Bortoliero, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica.

Aos moradores de Pojuca, que abriram suas portas e corações para contar esta história.

A Luciano Novais, que acreditou neste projeto tanto quanto eu e ajudou cedendo imagens e indicando fontes.

Aos amigos e colegas, principalmente Miriane Silva, por dividir comigo as angústias da produção do TCC e por não ter me deixado esmorecer e nem desistir. E a todos os outros, pelo incentivo e pelo apoio constantes.

A Ihago Allech Bonfim, que foi fundamental para a conclusão deste trabalho.

## RESUMO

A presente Memória Descritiva tem como finalidade apresentar os procedimentos teóricos e práticos adotados no processo produtivo do documentário “O Trem da Morte”, que resgata a história do acidente e explosão de três vagões de combustível, que aconteceu na cidade de Pojuca, em 31 de Agosto de 1983, vitimando centenas de pessoas. Um acontecimento trágico que precisa de visibilidade para que não se perca no tempo. A história é contada a partir de depoimentos de pessoas que foram diretamente atingidas pela tragédia em um vídeo de 20 minutos. Este documentário se justifica pela intenção de documentar a memória dessa tragédia para que as futuras gerações possam saber o que aconteceu em sua cidade.

**Palavras-chave:** Incêndio. Trem. Tragédia. Pojuca. 1983. Documentário.

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. POJUCA.....</b>	<b>7</b>
<b>3. ASPECTOS DO DOCUMENTÁRIO.....</b>	<b>8</b>
<b>4. ENTREVISTA.....</b>	<b>12</b>
4.1 ENTREVISTADOS.....	14
<b>5. O TREM DA MORTE.....</b>	<b>18</b>
<b>6. PROCESSO PRODUTIVO.....</b>	<b>21</b>
6.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....	21
6.2 GRAVAÇÕES.....	23
6.3 PÓS-PRODUÇÃO.....	27
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>8. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>

## 1. APRESENTAÇÃO

Tragédias sempre causam muita comoção, principalmente quando provocam a morte de muitas pessoas. O tema abordado nesse documentário dá conta de uma tragédia de grandes proporções que vitimou centenas de pessoas. Um acontecimento que é o mais triste da história da pequena cidade baiana de Pojuca, no qual muitas famílias perderam entes queridos, pais, mães, irmãos, tios, amigos. Por ser uma cidade pequena é difícil encontrar alguém que não tenha sofrido com a tragédia ou que não tenha perdido ao menos um vizinho ou conhecido no acidente.

Recuperar acontecimentos marcantes é uma forma de manter viva a memória. E manter viva a memória é importante para que as futuras gerações possam conhecer e compreender a história do lugar em que moram, já que cada vez mais o cotidiano e a rotina as afastam das tradições e dos costumes. Tratar bem a memória é dar a chance das pessoas se identificarem com o local onde vivem.

Meu interesse por essa história surge ainda na infância. Como moradora da cidade, sempre escutei relatos a respeito de um acidente que aconteceu em 31 de agosto de 1983, em Pojuca, minha cidade natal, quando um trem carregado de combustível inflamável descarrilou, explodindo 13 horas depois. O fogo que se espalhou rapidamente, queimando várias pessoas e casas, não tem causa confirmada.

Para reviver essa história decidi que a melhor maneira de representá-la seria por meio de um documentário, por impor poucos critérios que limitem a exploração de sua linguagem e formas de expressão, além de se relacionar com o desejo de produzir um documento, retratar um acontecimento importante e dividi-lo com outras pessoas.

Para tanto, entrevistei pessoas que vivenciaram a tragédia, perderam parentes ou que foram atingidos, eles próprios, pelo acidente para compreender o impacto da tragédia na vida delas e na relação com a cidade. Autoridades e empresas envolvidas foram procuradas, mas todos se esquivaram e não forneceram as informações solicitadas. Foram usados também arquivos da época como revistas, jornais e fotografias, que servem como base ilustrativa do documentário, já que o acidente aconteceu há 30 anos e não foi possível encontrar vídeos da época.

Se comparada a outras tragédias brasileiras, nota-se que ainda existe pouca bibliografia sobre a tragédia de Pojuca. Essa é uma história importante que está se perdendo ao longo dos anos. Por meio do documentário “O Trem da Morte” busco manter viva a memória de um acidente que afetou a vida de muitas pessoas e que não pode ser esquecida. Diante da sua proporção, pretendo dar visibilidade a esta que merece destaque tanto quanto outras acontecidas no Brasil.

Além disso, vejo como uma homenagem à minha cidade – que completou 101 anos em 29 de Julho de 2014 - fazer um trabalho que a coloque em evidência e que mostre sua gente tão sofrida e batalhadora.

## **2. POJUCA**

Pojuca é uma cidade baiana localizada a 67 Km de Salvador, e que faz parte da Região Metropolitana. Foi emancipada de Sant’Ana do Catu em 29 de julho de 1913 e completou 101 em 29 de julho de 2014. Com uma população de 36 551 habitantes<sup>1</sup>, a cidade está situada à margem do Rio Pojuca.

É servida pela Ferrovia Companhia Atlântico Leste, que integra a Malha Centro-Leste da extinta Rede Ferroviária Federal (RFFSA), cujas linhas a dividem no meio e na qual aconteceu a fatídica explosão.

Pojuca é uma importante produtora de petróleo e gás natural, que são as suas riquezas de maior evidência. É um dos municípios que mais produz petróleo na região do recôncavo baiano, e já foi o maior, recebendo o título de Rainha do Petróleo. Seu solo generoso é o celeiro de óleo na Bahia.

---

<sup>1</sup> IBGE/2013

## **3. ASPECTOS DO DOCUMENTÁRIO**

Quando se fala em documentário, existe um tensionamento no que se refere ao seu conceito. O que é um documentário? Essa é uma pergunta difícil de ser respondida. Diversos autores se debruçaram sobre essa questão, mas sem que se chegasse a um consenso.

Como referências, foram utilizados os livros: “Roteiro de Documentário: da pré-produção à pós-produção”, de Sérgio Puccini, “Introdução ao Documentário”, de Bill Nichols, “Mas afinal... o que é mesmo documentário?” De Fernão Ramos e “Espelho Partido – Tradição e transformação do documentário” de Silvio Da-Rin.

Bill Nichols em seu livro “Introdução ao Documentário” fala sobre essa dificuldade de conceituar o documentário:

A definição de "documentário" não é mais fácil do que a de "amor" ou de "cultura". Seu significado não pode ser reduzido a um verbete de dicionário, como "temperatura" ou "sal de cozinha". Não é uma definição completa em si mesma, que possa ser abarcada por um enunciado que, no caso do "sal de cozinha", por exemplo, diga tratar-se do composto químico de um átomo de sódio e um de cloro (NaCl). A definição de "documentário" é sempre relativa ou comparativa. Assim como amor adquire significado em comparação com indiferença ou ódio, e cultura adquire significado quando contrastada com barbárie ou caos, o documentário define-se pelo contraste com filme de ficção ou filme experimental e de vanguarda. (NICHOLS, 2012, p.47)

De acordo com o conceito usado por Silvio Da-Rin em seu livro “Espelho Quebrado”, uma associação de realizadores, a *World Union of Documentary*, definiu em 1948 o documentário como:

Todo método de registro em celuloide de qualquer aspecto da realidade interpretada tanto por imagem factual como por reconstituição sincera e justificável, de modo a apelar seja para a razão ou emoção, com o objetivo de estimular o desejo e a ampliação do conhecimento e das relações humanas, como também colocar verdadeiramente problemas e suas soluções nas esferas das relações econômicas, culturais e humanas. (DA-RIN, 2008, p.15)



Nichols (2012) diz ainda que documentário é o que poderíamos chamar de "conceito vago". Segundo ele, assim como o termo "veículos" abriga uma infinidade de meios de transportes, entre um documentário e outro há uma gama de distinções, mas apesar delas, continua-se a pensar em todo um conjunto de filmes como documentários.

O documentário por vezes foi definido também como o que não é ficção, mas muitas vezes a ficção utiliza recursos que são próprios do documentário, o que pode gerar certa confusão. Diferenciar o documentário de ficção é importante para delimitar o que será trabalhado. Para Ramos, a diferença entre documentário e ficção se dá, na medida em que, o documentário mostra histórias que podem ser localizadas no tempo, fatos que realmente aconteceram. Além disso, não utiliza personagens e sim, pessoas que vivenciaram a situação ou tem ligação com ela.

[...] o documentário caracteriza-se pela presença de procedimentos que o singularizam com relação ao campo ficcional. O documentário, antes de tudo, é definido pela intenção de seu autor de fazer um documentário (intenção social, manifesta na indexação da obra, conforme percebida pelo espectador). Podemos, igualmente, destacar como próprios à narrativa documentária: presença de locução (voz over), presença de entrevistas ou depoimentos, utilização de imagens de arquivo, rara utilização de atores profissionais (não existe um star system estruturando o campo documentário), intensidade particular da dimensão da tomada. Procedimentos como câmera na mão, imagem tremida, improvisação, utilização de roteiros abertos, ênfase na indeterminação da tomada pertencem ao campo estilístico do documentário, embora não exclusivamente. (RAMOS, 2008, p.25)

Para além das características cinematográficas deve-se levar em consideração a intenção do autor do documentário, que é de levantar questionamentos acerca do mundo, levantar uma questão e não apenas entreter o público como na ficção. A ênfase é colocada nas intenções do realizador e nos possíveis efeitos do filme sobre a audiência (DA-RIM, 2008). O modo como as pessoas veem o filme documentário, é o que nos permite reconhecer ali um documentário e não um filme de ficção.

Mas produzir um documentário implica muitas questões. Quem se aventura pela abordagem da realidade por esse formato enfrenta questionamentos de cunho ético e prático. Do impacto que isso terá na vida desses atores sociais envolvidos, de como serão tratados e também como esse tema será apresentado. Esses questionamentos me perseguiram durante a produção deste trabalho e foram tratados com bastante cuidado para que a integridade e a imagem das pessoas fossem preservadas.

Na não ficção as pessoas são tratadas como atores sociais e não artistas teatrais. Fazem o “papel” delas mesmas e levam a vida, mais ou menos, como fariam sem a presença da câmera. Não há relação contratual, apenas é cedido o espaço a quem possui a experiência para que fale espontaneamente.

Bil Nichols identifica seis tipos de documentários: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e o performático.

“O modo poético sacrifica as convenções da montagem em continuidade, e a ideia de localização no tempo e no espaço derivada dela, para explorar associações e padrões que envolvem ritmos temporais e justaposições espaciais” (NICHOLS, 2012, p.138). Evidencia a subjetividade e se preocupa com a estética. Há uma valorização dos planos e das impressões do documentarista a respeito do universo abordado. Em relação à construção do texto, podem-se usar poemas e trechos de obras literárias.

O modo expositivo “agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica e argumentativa do que estética e poética. Este modo dirige-se diretamente ao expectador, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam uma história” (NICHOLS, 2012, p.142). O documentário expositivo depende muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente. As imagens desempenham papel secundário e servem para ilustrar, esclarecer, evocar ou contrapor o que é dito. Para isso, um dos recursos utilizados é o casamento perfeito entre o dito e o mostrado.

No modo observativo, o documentarista busca captar a realidade tal como aconteceu. Para isso, evita qualquer tipo de interferência que caracterize falseamento. Apenas há um registro dos fatos sem que o documentarista e sua equipe sejam notados. Dessa maneira, há pouca movimentação de câmera, trilha sonora quase inexistente e não há narração, uma vez que as cenas devem falar por si mesmas.

O modo participativo, como o próprio nome sugere, é marcado por mostrar a participação do documentarista e sua equipe. “O cineasta despe o manto do comentário com voz over, afasta-se da meditação poética, desce do lugar onde pousou a mosquinha da parede e torna-se um ator social (quase) como qualquer outro. A diferença é que ele guarda para si a câmera e, com ela, um certo nível de poder e controle potencial sobre os acontecimentos” (NICHOLS, 2012, p.154).

O modo reflexivo chama a atenção para as hipóteses e convenções que regem o cinema documentário. Aguça nossa consciência da construção da representação da realidade feita pelo filme. Nós acompanhamos o relacionamento do cineasta conosco, falando não só do mundo histórico como também dos problemas e questões da representação.

O modo performático caracteriza-se pela subjetividade e pelo padrão estético adotado, utilizando as técnicas cinematográficas de maneira livre e rejeitando ideias de objetividade em favor de evocações e afetos. Há uma combinação livre do real e do imaginado. Temos então filmes com licenças poéticas, estruturas narrativas menos convencionais e formas de representação mais subjetivas.

Dos seis modos apresentados por Nichols, o que melhor caracteriza “O Trem da Morte” é o modo expositivo. No entanto, é preciso deixar claro que essa identificação não é total e também não exclui traços de outros modos. “As características de um dado modo funcionam como dominantes num filme: elas dão estrutura ao todo do filme, mas não ditam ou determinam todos os aspectos de sua organização. Resta uma margem considerável de liberdade” (NICHOLS, 2010, p. 136).

#### **4. ENTREVISTA**

A entrevista é a base deste documentário sobre a memória de uma tragédia contada através do relato de pessoas que a vivenciaram. Sendo assim é de extrema importância que falemos especificamente sobre este gênero. Para tanto foram utilizadas como referência o capítulo ‘Entrevista’ do livro “A voz do passado: história oral”, de Paul Thompson e o livro “Introdução ao Documentário” de Bill Nichols.

Para Nichols:

As entrevistas são uma forma distinta de encontro social. Elas diferem da conversa corriqueira e do processo mais coercitivo de interrogação, à custa do quadro institucional em que ocorram e dos protocolos ou diretrizes específicos que estruturam. As entrevistas ocorrem num campo de trabalho antropológico ou sociológico; tomam o nome de “anamnese” na medicina e no serviço social; na psicanálise, tomam a forma de sessão terapêutica; em direito, a entrevista torna-se o processo prévio de “colher meios de prova” e, durante julgamentos, o testemunho; na televisão, forma a espinha dorsal dos programas de entrevista; no jornalismo, assume tanto a forma de entrevista como coletiva para imprensa; e na educação, aparece como diálogo socrático. Michel Foucault argumenta que todas essas formas incluem formas regulamentadas de troca, com uma distribuição desigual de poder entre cliente e profissional da instituição, com raízes na tradição religiosa da confissão. Os cineastas usam a entrevista para juntar relatos diferentes numa única história. A voz do cineasta emerge da tecedura das vozes participantes e do material que trazem para sustentar o que dizem. (NICHOLS, 2012, p. 160)

Entrevistar não é tarefa fácil. Ser bem sucedido ao entrevistar exige habilidade. Segundo Paul Thompson, há muitos estilos de entrevistas, que vão desde a que se faz sob a forma de conversa amigável e informal até o estilo mais formal e controlado de perguntar. Já o entrevistador deve ter respeito e demonstrar interesse pelos outros como pessoas. É preciso também demonstrar simpatia pelas suas opiniões e o mais importante, ficar calado e escutar.

Thompson diz ainda que em relação ao modo de entrevistar “pode-se estabelecer uma diferença entre os chamados questionários de perguntas fechadas, cujos padrões lógicos

rigidamente estruturados inibem de tal maneira a memória que o respondente fica reduzido a respostas monossilábicas, ou muito curtas; e, no outro extremo, não propriamente uma “entrevista”, mas uma “conversa” livre em que a pessoa, o “portador de tradição”, a “testemunha”, ou o “narrador” é “convidado a falar sobre um assunto de interesse comum”. (THOMPSON, 1998, p.257)

Em “O Trem da Morte” optei por utilizar o método mais aberto de entrevistar, mas não totalmente livre, porque a entrevista completamente livre não pode existir. Havia um pré-roteiro com poucas perguntas que norteavam a narrativa pensada. Tudo isso associado, antecipadamente, ao que cada um poderia relatar. Foi preciso avaliar, através de encontros prévios com os entrevistados, o que cada um deles possuía de informação para incorporar à narrativa proposta.

A maneira de entrevistar varia também de acordo com a personalidade do informante. Alguns são muito falantes e precisam de poucas perguntas apenas para nortear, ou de vez em quando, uma pergunta específica para esclarecer um ponto que não esteja claro; outros que se expressam através de poucas palavras que, mediante estímulo, perguntas abertas e sugestões suplementares, podem revelar lembranças muito mais ricas do que parecia possível de saída.

Por isso quanto mais claro estiver o que vale a pena ser perguntado e a melhor maneira de fazê-lo, mais informações poderão ser obtidas dos informantes. Com pessoas reticentes esse roteiro será muito útil. Com pessoas que falam bastante, e que tenham ideia clara do que querem dizer, ou a direção que devem caminhar, o entrevistador pode acompanhá-las. Quando esse estoque for esgotado, elas mesmas irão querer que as perguntas sejam feitas.

“Falar sobre o passado pode despertar memórias dolorosas que, por sua vez, despertam sentimentos intensos, que muito fortuitamente, podem atingir um informante. Quando isso acontecer, dê-lhe um apoio generoso, como faria um amigo.” (THOMPSON, 1998, p. 272) Principalmente em uma situação como a que é imposta neste documentário, fazer as pessoas reviverem um fato triste que as atingiram diretamente, fazê-las lembrar dos parentes e amigos que faleceram e do sofrimento que isso causou a suas vidas, as lembranças atingiram em cheio a emoção e os sentimentos dos entrevistados.

Thompson dá outros conselhos e cuidados que devem ser tomados durante a entrevista como a escolha do local onde será feita a gravação, que deve ser onde os entrevistados se sintam à vontade. Neste caso, a maioria das entrevistas foi realizada na casa dos informantes.

Além disso, deve-se tomar o cuidado ao escolher um local calmo, que não tenha muitos ruídos externos, o que nem sempre é possível. Quase sempre, o melhor é ficar sozinho com o informante. A privacidade proporciona uma atmosfera total de confiança em que a franqueza se torna mais possível. E conferir sempre os equipamentos para não ter surpresas desagradáveis.

#### 4.1. ENTREVISTADOS

Os entrevistados neste documentário foram escolhidos pela sua forte relação com o tema e pela riqueza de histórias e detalhes que poderiam contar acerca do tema. Como o acidente do trem atingiu grande parte da população de Pojuca, optei por entrevistar aqueles que perderam parentes, amigos, filhos, irmãos e também suas casas.



Ângela Cristina de Jesus – Perdeu um casal de irmãos gêmeos que tinham nove anos e morreram carbonizados. Atualmente está com processo na justiça pela indenização que nunca foi paga.

Entrevista gravada em 05 de Junho de 2014



Elivan José de Lima Santos – Presenciou o acidente e perdeu um sobrinho de nove anos, que foi carbonizado.

Entrevista gravada em 07 de Junho de 2014



Ana Célia Bastos – Perdeu o irmão de 18 anos.

Entrevista gravada em 08 de Junho de 2014



José do Patrocínio Santos – Perdeu a casa e presenciou a peregrinação dos queimados até o hospital.

Entrevista gravada em 07 de Junho de 2014



Raimundo Santos – Perdeu dois filhos e tem um queimado. Morava em frente ao local do acidente e também teve sua casa parcialmente atingida pelo fogo.

Entrevista gravada em 08 de Junho de 2014





Vandee Mirene Ferreira – Participou do recolhimento e reconhecimento de corpos carbonizados.

Entrevista gravada em 04 de Junho de 2014

## 5. O TREM DA MORTE

O incêndio do trem que aconteceu no município em 1983 foi de grandes proporções. Diante da magnitude da tragédia que vitimou cerca de 200 pessoas em uma cidade que tinha sete mil habitantes na época, a história deve ser reavivada para que a população não esqueça essa triste história.

Numa manhã de quarta-feira, a locomotiva de número 4.842 da Rede Ferroviária Federal, composta por 22 vagões, que transportava gasolina e diesel para a Petrobras, descarrilou por volta das 7h da manhã derramando 126 mil litros de combustível na Rua da Piedade. O trem partiu da Refinaria Landulpho Alves, em São Francisco do Conde (BA), e tinha como destino o Terminal Riachuelo, em Laranjeiras (SE).

O superintendente da Rede Ferroviária Federal na Bahia, Walter Geb Valverde, e o Ministro dos Transportes, Cloraldino Severo, da época, estavam em Salvador no dia da tragédia para participar de uma solenidade. Quando foi informado do descarrilamento do trem em plena área urbana da cidade na mesma manhã, segundo reportagem da Veja, Walter Geb Valverde deu pouca importância ao fato limitando-se a despachar dois engenheiros a Pojuca, para averiguações de praxe.

Após um dia inteiro jorrando gasolina, a população sem a noção do perigo que corria, pegou e armazenou o combustível em baldes, panelas, tonéis etc. dentro de suas casas. Alguns vendiam a gasolina a preços camaradas a taxistas e proprietários de carros que vinham de cidades vizinhas abastecer seus veículos. A lentidão das autoridades em conter o vazamento e a ação de saqueadores agravou a situação. Ao invés de isolar a área e impedir a população de se aproximar, foram organizadas filas e feito o disciplinamento do saque.

A primeira explosão aconteceu entre 19h50 e 20h da noite e não se sabe ao certo o que a teria provocado. O fogo se espalhou rapidamente pelo solo encharcado de combustível e atingiu as casas ao redor da linha. Muitos curiosos, na maioria crianças e adolescentes, estavam próximos ao trem e foram queimados, 36 ficaram carbonizados. Até o fim da noite de 31 de agosto, 42 pessoas haviam morrido e mais de 70 encontrava-se em estrado grave, com queimaduras em 80 a 100 % do corpo, além de inúmeros outros com queimaduras mais leves.

De acordo com o relato de moradores que viviam na cidade na época, era possível ver a labareda de fogo de mais de 30m a iluminar o céu a quilômetros de distância. Muitos moradores saíram de suas casas com medo de que o fogo as atingisse e correram em direção ao Rio Pojuca em busca de proteção. Aquela noite é descrita como um filme de terror.

O resgate das vítimas foi feito de maneira improvisada. O posto médico da cidade era pequeno e não dispunha de estrutura para atender tantos feridos. Assim, as vítimas foram levadas para hospitais de Salvador, Alagoinhas, Camaçari e região nos diversos tipos de veículos disponíveis, incluindo ambulâncias, ônibus, caminhões, carros particulares, viaturas de polícia, etc.

Já os corpos carbonizados foram recolhidos no dia seguinte, estendidos em frente ao cemitério da cidade, localizado a poucos metros da linha de trem, e levados para o Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, em Salvador, para que fossem identificados. Entretanto, a identificação não pôde ser feita de maneira completa, porque até mesmo as digitais e a arcada dentária das vítimas foram destruídas.

Foram feitos então exames de Raio-x que possibilitaram a aproximação de idade. "Hoje, tiramos uma dúvida quanto a idade de um cadáver que estava reduzido a 55 centímetros, Achávamos que se tratava de uma criança, mas o exame comprovou que pertencia a uma adulto de 42 anos aproximadamente", Maria Tereza Pacheco, diretora do Nina Rodrigues na época, em entrevistas ao Jornal A Tarde.

Isso significa dizer que se um adulto foi reduzido a 55 centímetros, as crianças que estavam mais próximas do fogo, evaporaram. Ainda assim, após os exames, ficou constatado que a maioria dos corpos carbonizados era de crianças e adolescentes.

Na época, o fato teve grande repercussão nacional sendo noticiado nos principais jornais, revistas e emissoras de televisão do país, mas atualmente quase nada é encontrado a respeito do incêndio. Outras tragédias de grande impacto como o incêndio no Grande Circo Americano em Niterói, que ocorreu em 1961, e matou, pelo menos, 503 pessoas, em sua maioria crianças e o incêndio no Edifício Joelma da cidade de São Paulo em 1974, vitimando 191 pessoas, tem bastante material de pesquisa. Diante da proporção do incêndio que aconteceu em Pojuca e que deixou um saldo de 163 mortos e dezenas queimadas, o evento precisa ser lembrado tanto quanto outras tragédias acontecidas no Brasil.

Trinta e um de agosto foi decretado feriado municipal em Pojuca como forma de homenagem à tragédia. No fim do mês de agosto, as escolas costumam organizar atividades culturais como concursos de poesia, jogral, músicas, peças teatrais e outras intervenções artísticas para mostrar aos alunos a importância da data. Ainda assim, faltam iniciativas por parte das autoridades locais para reavivar a memória e documentar os acontecimentos. Ação que poderia ser feita a partir do contato com as vítimas que ainda estão vivas e as famílias para construção de um acervo mais completo e bem cuidado.

No último dia 31 de agosto a tragédia completou 31 anos. A data foi marcada por uma exposição na praça principal da cidade. A Exposição “Um Dia Após” do artista plástico Luciano Novaes apresentou 15 quadros baseados em fotos de jornais de época e esculturas de vítimas do acidente que foram feitas com material reciclável. Em muitos anos, essa é uma das raras homenagens públicas à tragédia. Em 2013, Luciano Novais já havia feito uma exposição em homenagem aos 30 anos do acidente, “Via Pietá”.

## 6. PROCESSO PRODUTIVO

### 6.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Meu interesse pela história do acidente do trem em Pojuca surge ainda na infância. Por ser moradora da cidade tinha vontade de me aprofundar neste fato tão trágico, mas foi na disciplina COM 116 - Elaboração de Projeto, em 2013.1, ministrada pela professora Maria Carmem Jacob, na qual tive que pensar no tema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que decidi fazer um produto sobre a memória do fatídico acidente.

A predileção e afinidade com audiovisual esteve sempre presente na minha vida e desde que comecei a pensar em TCC, decidi que este seria um produto audiovisual. Tendo definido o tema, escolhi o documentário por ser acessível a todo tipo de expectador. Tanto o alfabetizado quanto o analfabeto poderia assistir ao produto e compreendê-lo, se identificar. Tanto o jovem quanto o velho poderia conhecer, se emocionar e refletir.

Durante a graduação, os alunos de Comunicação Social da Universidade Federal da Bahia têm contato com a prática do audiovisual através de disciplinas como “Oficina de Comunicação Audiovisual” e “Oficina de Telejornalismo”. O contato breve não nos dá autossuficiência neste campo tão amplo e cheio de possibilidades. Ainda assim, achei que essa era o melhor modo de representar, através de entrevistas e imagens de arquivo, esta história.

Queria fazer algo que minha avó pudesse assistir, que pudesse servir também como referência nas escolas, nos bairros da cidade e que ficasse disponível, mas não apenas nas proximidades da data, e sim, sempre que alguém tivesse interesse em revisitar essa história.

O passo seguinte foi pesquisar. Inicialmente em acervos de jornais e revistas físicos e digitais existentes e através de conversas com pessoas da cidade. Através das matérias dos impressos foi possível, de uma maneira que só a leitura é capaz de fazer, me transferir para a Pojuca de 31 anos atrás, e sentir as consequências do sinistro. Relatos fortes de quem ainda estava aterrorizado e devastado com o que havia acontecido. Uma população revoltada pela negligência das autoridades. Pude também reconstituir a sucessão de acontecimentos desde o descarrilamento até a explosão que levaram à morte de tantas pessoas.

Desenvolvi em COM 116, o projeto que seguiria nos próximos semestres e entrei em contato com a professora Simone Bortoliero para ser a minha orientadora. O convite foi aceito

e no semestre seguinte começamos o desenvolvimento orientado. Durante esse período tivemos reuniões nas quais fui delimitando o que de fato deveria entrar no roteiro.

Em agosto de 2013, quando completou 30 anos do acidente, o artista plástico Luciano Novais, juntamente com Rafael Jesus, montou a primeira exposição para lembrar a data. “Via Pietá” contou com uma grande estrutura na praça principal da cidade, a Praça Antonio Carlos Magalhães. Foram produzidas diversas esculturas de pessoas queimadas, todas feitas com material reciclado. Contudo não fiquei sabendo da exposição a tempo, por não residir mais na cidade e pela divulgação ter sido restrita. Assim perdi uma grande oportunidade de pesquisa de campo e de colher entrevistas e imagens que poderiam ser usadas no documentário.

Já no semestre 2014.1, que seria o de produção efetiva do documentário, a pesquisa de campo se intensificou e conversei com pessoas próximas em busca de indicações de histórias. Como minha família morava na zona rural nesta época, apenas uma prima foi vítima. Ainda assim, alguns deles conheciam outras histórias e fui à procura.

Durante esse processo de investigação mais profunda conheci muitas histórias sofridas, algumas inclusive, me causaram surpresa, porque pessoas que eu não imaginava tiveram as vidas marcadas pelo acidente. Foi o caso de Ana Célia, que é a minha madrinha de batismo e conheço desde que tinha cinco anos de idade, que perdeu o irmão. Outras que acabaram não entrando no vídeo, e que também fazem parte do meu núcleo de amigos e conhecidos, perderam seus parentes.

Por se tratar de uma história que faz com que o sofrimento de quem as conta seja revivido, algumas pessoas não se sentiram à vontade de participar do documentário, como uma senhora que perdeu dois filhos e que não gosta de lembrar-se do acontecido. Ela jamais superou a perda.

Nesse período, entrei em contato com Luciano Novais, o artista plástico responsável pela exposição “Via Pietá”, já que ele também havia feito um trabalho intenso e conhecia muita gente que poderia participar do meu produto. Ele foi muito solícito e me ajudou bastante, indicando e passando contato de pessoas.

Na cidade de Pojuca há pouca coisa que lembre a tragédia. O acervo sobre o acidente limita-se a uma pasta com recortes de jornais no Arquivo Público, que está localizado em um velho galpão, sem as condições mínimas de armazenamento de documentos antigos. Não há refrigeração, a luz do sol entra abundantemente e o calor é insuportável durante a tarde.

Manuseei os recortes guardados há 30 anos sem a mínima segurança, não me foram dadas máscaras ou luvas e a alergia foi imediata, mesmo assim consegui obter um bom material de pesquisa, que posteriormente foi utilizado com imagem de cobertura.

Já em maio comecei a agendar as entrevistas. Como o trabalho exigia que estivesse em Pojuca, pedi férias de 15 dias no estágio para que pudesse me dedicar ao TCC e fazer as gravações, mas antes de gravar fui ao encontro dos entrevistados por entender que conversar com eles pessoalmente antes de tudo e explicar-lhes o meu objetivo era a melhor maneira de iniciar nossa relação. Também para que soubesse previamente o teor de seus depoimentos.

## **6.2 GRAVAÇÕES**

Com as indicações e contatos em mãos e 15 dias de férias, fui para Pojuca com os equipamentos da Facom. Mas apesar de ter planejado fazer as gravações ainda em maio, só pude começar em Junho, por conta da disponibilidade dos entrevistados. Documentário é negociação, negociação de desejos, com personagens na pesquisa, na filmagem, mas também de horários, disponibilidades, condição de produção. E estive sujeita a tudo isso.

Apesar da pouca experiência no manuseio com a câmera, que obtive durante a disciplina “Oficina de Telejornalismo”, decidi que seria a cinegrafista, porque além de diminuir os custos, produziria, eu mesma, tudo o que me coubesse. Sem uma equipe técnica, recrutei minha família e amigos para ajudar durante as gravações. Inicialmente minha irmã me acompanhou e segurou o microfone boom e depois, um amigo. A primeira gravação foi feita no dia 4 de junho e tudo correu bem. Fui até a casa de Dona Vandece Ferreira que me contou como ajudou no recolhimento dos corpos carbonizados.

No dia 5 de Junho pela tarde havia uma entrevista marcada, mas o entrevistado desmarcou de última hora. Seu nome é Railson Santos e eu o considerava como um dos mais importantes por ser vítima do incêndio, ter 90% do corpo queimado e ter perdido dois irmãos queimados. Infelizmente, quando tentei remarcar a gravação ele disse que não gostaria mais de participar, que não queria mais lembrar ou falar sobre o assunto e sugeriu que eu pegasse uma entrevista que tivera gravado com Luciano Novais. Apesar de ter sido uma grande perda

para minha narrativa, respeitei sua decisão. Insisti até certo ponto, pois entendi que se tratava de uma questão de ordem muito pessoal e dolorosa para ele.

Nos dias que se seguiram gravei com outras sete pessoas. Com Ângela Cristina, que perdeu um casal de irmãos gêmeos carbonizados, foi preciso remarcar uma vez. Tive problemas com a bateria que quase não foi reconhecida pela câmera, mesmo estando completamente carregada e com a iluminação, pois era noite e não tinha luz artificial, o que comprometeu a qualidade das imagens.

Para além dos problemas técnicos, o que mais marcou foi a emoção com que Ângela deu seu depoimento, tivemos que interromper a gravação por duas vezes para que ela pudesse se recompor e em outros momentos, mesmo visivelmente emocionada, ela conseguiu completar.

Raimundo Santos, que perdeu dois filhos e teve um terceiro queimado, que é Railson – o que não quis me dar entrevista - também se emocionou durante a gravação, mas neste caso não foi necessário interromper a gravação, pois ele rapidamente se recompôs.

Esses foram os depoimentos que mais me comoveram. Foi difícil ver o sofrimento daquelas pessoas, mesmo passados 30 anos, estampado em suas faces. E saber que, naquele momento, a tristeza veio por conta das minhas perguntas, por conta do pedido de reviver a tragédia. Ao mesmo tempo, via ali uma maneira, não de aliviar, mas de dar vazão àquele turbilhão de sentimento que os invadiu naquele momento.

Fiz o possível para manter os entrevistados relaxados e confiantes. No capítulo 4 sobre entrevista, Thompson fala a respeito das memórias dolorosas e de como elas podem afligir o informante e aconselha-nos que em alguns casos essas perguntas sejam feitas no final ou até depois que o gravador seja desligado. Mas e quando todas as perguntas despertam memórias dolorosas? Só me restou dar apoio e o tempo necessário para que se acalmassem. Isso me fez reafirmar a responsabilidade e compromisso com este trabalho.

A próxima gravação foi realizada na linha do trem, local do acidente a pedido do entrevistado Elivan de Lima, que perdeu um sobrinho de nove anos carbonizado. Como toda gravação externa, no fim das contas, os ruídos da rua, carros, motocicletas e pessoas barulhentas não puderam ser evitados, mas mesmo com esses detalhes, a qualidade da imagem ficou boa. O céu azul e o sol das 11h da manhã proporcionaram cores quentes e bonitas. Ainda houve tempo de fazer imagens no cemitério, onde Elivan de Lima mostrou a



cova coletiva, na qual foram enterrados os corpos carbonizados e fez uma oração pelo sobrinho.

Me deparei com um entrevistado bastante objetivo. Raimundo Nonato tem 85% do corpo queimado e eu queria muito usar seu depoimento, já que não havia conseguido gravar com nenhum queimado até o momento e achava importante ter o depoimento de alguém nessa situação. Neste caso, foi necessário seguir o meu roteiro de perguntas e criar outras de última hora para arrancar dele mais informações, mas nem assim foi possível ter um bom material. No fim das contas, tive que sacrificar seu depoimento pela dificuldade de encaixar na edição.

Com Ana Célia e José do Patrocínio tudo correu bem e as entrevistas aconteceram normalmente. Gravei também com os artistas Luciano Novais e Rafael Jesus, mas tive problemas após a captura das fitas e não encontrei as gravações.

Apesar de ter conseguido gravar uma quantidade razoável de depoimentos, ao final dos 15 dias de férias do estágio, não havia conseguido contato com as autoridades responsáveis da época como a Petrobras, a extinta Rede Ferroviária Federal (RFFSA) e o antigo prefeito de Pojuca e queria ainda, gravar outras entrevistas com pelo menos cinco pessoas. A essa altura a Copa do Mundo já havia começado e ficava cada vez mais difícil conseguir contatos ou marcar entrevistas.

Por conta desses contratemplos e por ter que entregar o TCC assim que a copa acabasse, percebi que não teria tempo de concluir o trabalho. Conversei com minha orientadora e decidimos que seria melhor prorrogar por mais um semestre. Mas havia outro problema, Simone Bortoliero não poderia continuar a orientação por conta da sua viagem no semestre seguinte para fazer o pós-doc. Em 2014.2 entrei em contato com o professor José Roberto Severino que aceitou me orientar.

Em Agosto de 2014, Luciano Novais fez uma nova exposição em Pojuca para homenagear a data. Desta vez estava em contato direto com ele e pude fazer a cobertura. Tinha expectativa também de obter novos depoimentos. Consegui gravar com mais três pessoas durante a exposição. No entanto, posteriormente optei por não utilizá-los por ter delimitado a escolha dos meus “personagens” a quem tivesse perdido alguém ou algo ou tenha atuado na linha de frente em contato com as vítimas e suas famílias.

Consegui com ele também a gravação da entrevista com Railson Santos, feita antes do meu contato. Ainda tinha esperanças de usar esse depoimento, mas infelizmente esbarrei nas

questões técnicas. Por ter sido gravada em um equipamento diferente do da Facom, a imagem era inferior. O formato desta gravação também era diferente dos arquivos que já tinha, sua conversão não foi possível e mesmo que tivesse sido, a perda na qualidade da imagem seria ainda maior e destoaria do resto do vídeo. Perdi mais uma vez a possibilidade de usar este depoimento.

Não foi possível encontrar imagens nos Centros de Documentação (Cedocs) da TV Bahia e TVE. Enviei ofício solicitando imagens da época do acidente à TV Bahia, mas não obtive resposta e também como só foi fundada dois anos após o acidente, em 1985, é provável que não tenha esse material. Em contato telefônico com a TVE fui informada que, como provavelmente essa cobertura aconteceu em programa jornalístico, as imagens ficam armazenadas por apenas 90 dias.

Consegui contato com a Petrobras através da lei de acesso a informação e solicitei o protocolo de segurança em caso de acidentes e acesso à perícia ou investigação acerca do acidente, mas assim como disse a época do acidente, a Petrobras reafirmou que “a gestão do transporte ferroviário e gerenciamento de emergências neste transporte são de responsabilidade das empresas”. Além disso, em função do tempo decorrido disse não dispor de informações sobre o assunto.

Já a Rede Ferroviária Federal (RFFSA), extinta em 2007, informou que a sua inventariança é um órgão vinculado ao Ministério dos Transportes (MT).

O Ministério dos Transportes, em resposta à solicitação de acesso a informação, reencaminhou o pedido ao Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT/MT), que informou que “o acervo documental da extinta RFFSA encontra-se ainda sob gestão da inventariança da Rede Ferroviária Federal, órgão vinculado ao MT e que, por tanto este ministério poderá determinar o atendimento da solicitação”. Uma nova solicitação foi feita ao Ministério dos Transportes informando essas respostas, mas ainda não obtive resposta.

### **6.3 PÓS-PRODUÇÃO**

Tudo foi gravado em fita e após a captura comecei o trabalho de decupagem seguindo o roteiro que já tinha determinado. Minha ideia era criar uma narrativa que recontasse os eventos que se sucederam e levaram à tragédia, desde o descarrilamento até os 31 anos depois.

Com a decupagem pronta e encaixada no roteiro veio a montagem e edição, feita por Ihago Allech Bonfim, estudante do curso de cinema da UFBA. Nos reunimos na ilha de edição da Facom intensivamente. Foi um trabalho conjunto, houve bastante diálogo e apesar de ter pré-determinado tudo o que queria, estive sempre aberta a ouvir as sugestões de Ihago. Ele me ajudou propondo músicas, imagens de cobertura, cortes.

Organizei a decupagem para que através da exposição de pontos de vista, que de certa maneira travam um diálogo no interior do documentário, criasse paráfrases, que nada mais é do que uma repetição. Um entrevistado introduz uma informação que é repetida ou contraposta por outro entrevistado, criando assim um argumento. E assim foi feito.

A montagem exerce o papel fundamental para unir os fragmentos de histórias e relatos em seqüências lógicas. Todo o material recolhido foi organizado de modo que os fragmentos das entrevistas se complementassem.

Havia pensado meu roteiro para ter, inicialmente, seis blocos: Descarrilamento; Horas seguintes; Explosões; Morte e Sofrimento; Pós-acidente e 31 Anos Depois. Porém, percebi que nem sempre os depoimentos se encaixavam nessa organização de maneira lógica e cronológica e reduzi para apenas dois blocos: Morte e Sofrimento e 31 Anos Depois. A descrição dos eventos que se sucederam desde o descarrilamento até a explosão é intercalada pelo título do documentário.

Transformar cinco horas de gravação em 20 minutos foi complicado. A cada corte e nova decupagem que era feita muito material teve que ser deixado de lado. Foram cinco versões de roteiro de montagem para que o filme se adequasse ao tempo proposto. Por isso, as imagens foram selecionadas de acordo com o que melhor se adequasse aos blocos e também as que conversavam entre si para que a história fosse contada de maneira coesa.

Este trabalho exigiu desapego e frieza para realizar os cortes. Pra mim foi um desafio, pois considerava tudo tão importante e tive que trabalhar para que apenas o essencial e indispensável fosse mantido. Tudo isso aliado, é claro, à construção narrativa e ao encaixe com os outros depoimentos.

O primeiro corte foi fechado em 30 minutos, muito acima dos 20 estipulados. Levando em consideração que ainda queria acrescentar alguns trechos e imagens de cobertura, sabia que deveria cortar bastante e assim fiz. Fechei o segundo roteiro em 24 minutos e fui diminuindo até que chegasse aos 20 minutos.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Produzir o documentário “O Trem da Morte” foi um trabalho árduo não só por tê-lo feito sozinha, mas principalmente, por todas as questões que me foram impostas de ordem ética e emocional. Mas esse foi um desafio que me propus e apesar de ter pensado em desistir em alguns momentos, lembrava do motivo que me fez optar por esse tema, que é a vontade de criar um documento que possa usado por outras pessoas e não deixar que essa triste história caísse no esquecimento.

A persistência foi pré-requisito fundamental para a conclusão deste documentário. A vontade que tinha de ver esse projeto pronto era maior do que os obstáculos técnicos, entrevistas desmarcadas, fontes que não respondiam.

Foi uma grande contribuição para minha formação acadêmica, pois tive que usar todo o conhecimento adquirido na faculdade e um pouco mais para cumprir esta tarefa. Me aventurei em todos os âmbitos possíveis. Desde a pesquisa, passando pela captura de imagens até a decupagem e roteiro. De toda a produção, apenas não montei e editei, pois não tenho conhecimentos técnicos dessa natureza.

Tive que lidar com problemas técnicos e de falta de material adequado como boom; lâmpadas para iluminação, o que comprometeu gravações feitas à noite; falta de cartão de memória para as câmeras novas, sendo obrigada a gravar em fita. Essas dificuldades me mostraram o que um jornalista enfrenta de fato, no trabalho diário.

Mais ainda, me mostrou as dificuldades enfrentadas por um documentarista ou profissional independente, que não está ligado a uma empresa de comunicação. Este sofre ainda mais no processo de apuração.

Apesar de não ter ficado da maneira que sonhei, “O Trem da Morte” cumpriu o seu papel e mostra o que foi o acidente de Pojuca através do olhar de quem o viveu. No fim das contas, todas as noites perdidas e os dias consumidos por esse projeto valeram a pena, apenas por vê-lo ganhar forma diante dos meus olhos.

Pretendo levar este trabalho para a minha cidade e distribuir nas escolas para que seja exposto e sirva de referência neste assunto.

## **8. REFERÊNCIAS**

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido – Tradição e transformação do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 4ª edição, 2008.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Trad. Mônica Sanddy Martins - 5ª edição - Campinas, SP: Papirus, 2012.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção – 3ª edição** – Campinas, SP: Papirus, 2012.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac/SP, 2008.

Revista Veja (Acervo digital) - <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> - acessado em 17 de novembro de 2014.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Descarrilhamento\\_de\\_Pojuca](http://pt.wikipedia.org/wiki/Descarrilhamento_de_Pojuca) - acessado em 23 de novembro de 2014.

Jornal do Brasil (Acervo digital) – [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_10&PagFis=68739](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_10&PagFis=68739) – acessado em 29 de outubro de 2014.

Folha de S. Paulo (Acervo digital) - <http://acervo.folha.com.br/fsp/1983/09/02/2//4201435> – acessado em 18 de julho de 2014.

BLOG - <http://joabatistaprofessor.blogspot.com.br/2013/08/acidente-de-trem-em-pojuca-matou-mais.html> - acessado em 03 de setembro de 2013.

IBGE - <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=292520&search=bahia>

- acessado em 17 de outubro de 2014.

Mais Região - <http://maisregiao.com.br/pojuca-tragedia-do-trem-da-morte-completa-30-anos/> - acessado em 03 de setembro de 2013.

Wikipedia - [http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_do\\_cinema](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_cinema) acessado em 05 de setembro de 2013.

<http://www.oohodahistoria.ufba.br/01ofilme.html> - acessado em 21 de agosto de 2013

<http://migre.me/fXTgA> - acessado em 21 de agosto de 2013.

<http://bocc.ubi.pt/pag/sacrini-marcelo-doc-digital-interativo.html> - acessada em 04 de setembro de 2013.

<http://informepojuca.blogspot.com.br/2013/08/pojuca-30-anos-da-grande-tragedia-do.html> - acessado em 03 de setembro de 2013

[http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/13765/13765\\_5.PDF](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/13765/13765_5.PDF) - acessado em 03 de setembro de 2013

<http://catiahomepage.do.sapo.pt/oikos/Guia%20Tecnico%20Curtas%20ODM.pdf> - acessado em 09 de setembro de 2013